



O Lazer em Tempos de Facebook¹

Gracielly Soares Gomes²

Deodato Rafael Libanio de Paula³

Benedito Diélcio Moreira⁴

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Vivemos em uma era permeada por tecnologias que nos proporcionam novas formas de existir, habitar e se relacionar. As dimensões de tempo e espaço são ressignificadas e, além disso, no ciberespaço há novas formas de partilhar experiências, de Estar com os outros por meio de plataformas, que se situam num espaço imaterial, mas “real”. Nele se encontram essas plataformas relacionais, que denominamos de redes sociais, dentre elas o *Facebook*. Os jovens, conforme apontado por pesquisas, têm um fascínio, uma sensibilidade distinta com essas novas formas de se relacionar, pois possibilitam algo novo e diferente da comunicação face a face. Mas, como ocorrem os processos relacionais nestas redes sociais? Em que parte do seu dia os jovens utilizam essas redes? Afinal, como podemos definir o que é o jovem?

PALAVRAS-CHAVE: Facebook; Juventude; Tecnologia; Interação.

Introdução

Na atualidade as relações juvenis veem sendo fortemente atreladas às redes sociais, de forma que essas redes se tornaram essenciais no gerenciamento do tempo livre e lazer da juventude. Sendo responsáveis, muitas vezes, pela manutenção dos relacionamentos e fortalecimento dos laços sociais. Assim, abordamos neste trabalho a questão das novas tecnologias e formas de relacionar na sociedade contemporânea, dando ênfase ao *Facebook*. Discutimos ainda quais são os vínculos entre o tempo livre das pessoas e as atividades neste espaço de tempo, em especial a utilização do *Facebook* neste período. O nosso público de interesse é o jovem, pois estamos envolvidos há um

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, UFMT-Cuiabá, email: graciellysgomes@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMT-Cuiabá, email: deodatorafaelj@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor Benedito Diélcio Moreira, do Curso de Comunicação Social da UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br.



tempo no grupo de pesquisa nacional da “Rede Brasil Conectado⁵”, assim como também integramos o grupo de pesquisa “Comunicação, Infância e Juventude⁶”, da Universidade Federal de Mato Grosso. Este artigo, portanto, tem por finalidade promover uma discussão envolvendo as relações juvenis contemporâneas com as tecnologias. Mais especificamente, as influências e as atribuições do *Facebook* na ocupação do tempo livre e do lazer da juventude.

Um Mundo Permeado pela Tecnologia

Vivemos em uma era em que a comunicação, a transmissão de bens simbólicos, já não ocorre necessariamente face a face, muito menos há dificuldades hoje para estabelecer uma conversa com alguém que não está no mesmo espaço ou tempo. Isso se deve à grande evolução tecnológica dos meios de comunicação, que tornam cada vez mais complexas nossa sociedade, nossos modos de se relacionar e compreender o mundo (THOMPSON, 1998).

Com o advento da internet, nós temos disponibilidades, ferramentas, que nos proporcionam novas formas de habitar o mundo e “tocar” o outro (MOREIRA, 2015). O “cibermundo” é composto por diversas plataformas relacionais, cada qual com suas especificidades, “linguagens”, e modos de se comunicar com o outro. Deste modo, as dimensões de espaço e tempo são diluídas, não necessitamos estar ao lado para “tocar” o outro e nem para ser “tocado”, materializando assim sentimentos emergidos das relações na rede.

Estas formas de comunicação são densamente utilizadas por jovens, sendo utilizadas diversas vezes ao dia, de modo rotineiro. O imergir no mundo online se tornou algo corriqueiro para o homem se comunicar com os outros e se informar, criar o seu imaginário sobre o mundo “real” nos tempos desta sociedade superciber, conforme abordado por Marcondes Filho (1998; 2009). Temos então uma nova forma de se comunicar, conforme explica Thompson (1998, p. 77):

[...] o desenvolvimento dos meios de comunicação cria novas formas de ação e de interação e novos tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. Ele faz surgir uma complexa reorganização de padrões de interação humana através do espaço e do

⁵ Coordenado pela professora Nilda Jacks, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁶ Coordenado pelo professor Benedito Diélcio Moreira, da Universidade Federal do Mato Grosso e coordenador regional da Rede Brasil conectado.



tempo. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não partilhem do mesmo ambiente espaço-temporal (THOMPSON, 1998, p. 77).

Este imergir de modo corriqueiro ocorre nas diversas “brechas” do dia a dia das pessoas, nos intervalos de aula, nas folgas do trabalho, nos períodos de almoço, ou seja, qualquer tempo livre é uma oportunidade para se relacionar com amigos e colegas em um mundo “imaterial” (MARCONDES FILHO, 1998). O desenvolvimento tecnológico, social e relacional se torna cada vez mais nítido; ele está sendo introduzido ao longo do tempo, de modo consciente, nas metas e projetos dos indivíduos. Na sociedade em rede, por exemplo, todo indivíduo em certo momento do seu dia (desde que tenha a possibilidade de acesso) imerge mesmo que momentaneamente no mundo *online*. Em alguns casos, este mundo tornou mais dinâmica até mesmo as formas de trabalho.

O *Facebook* é uma destas plataformas, de grande sucesso em escala global, em que diversos indivíduos ocupam ao menos uma parte do seu dia para se relacionar. Nesta rede, o portador de um perfil pode fazer uma postagem, compartilhar algo que gostou, escrever, publicar vídeos ou fotos, criar algo novo, comentar e curtir o que os outros postaram etc., porém com as especificidades próprias desta rede social.

A Plataforma Relacional *Facebook*

Os aparelhos eletrônicos redimensionam nossos deslocamentos, nossos “encontros”, nossas formas de buscar informações e se comunicar com outras pessoas (MARCONDES FILHO, 1998). Então, nesta era tecnológica temos uma reestruturação relacional, pautada pela presentificação espectral de encontros imateriais. A realidade tecnológica contemporânea transformou todo o “quadro da sociedade e dos indivíduos”. As mudanças ocorreram nas mais variadas áreas de informação, política, trabalho, comércio e até mesmo “relações subjetivas e afetos” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 117). Hoje, temos a possibilidade de viajar no ciberespaço, se instalando e se movendo entre as plataformas e as redes que estão disponíveis. Dentro destes ambientes, nos relacionamos, materializamos sentimentos, nos desmaterializamos, mergulhamos no aparelho, nos desmaterializando, para tentar “tocar” outro (MOREIRA, 2015). Ou como diz Marcondes Filho (1998, p. 66):

Nossas mentes viajam por ambientes não existentes na materialidade e lá se instalam, construindo territórios de coabitação virtual,



participando de encontros, vivenciando experiências nesse campo que é uma mescla de nossa própria fantasia, das fantasias dos outros e das possibilidades técnicas. (MARCONDES FILHO, 1998, p. 66).

O *Facebook* é um território como este desenhado por Marcondes Filho. Nele, podemos nos instalar criando um perfil, construir nossos grupos de amigos, partilhar experiências do mundo “real”, conversar, intervir diretamente em um assunto ou tema como se o outro estivesse ao meu lado, e não por meio de uma interface. Este processo é possibilitado pela disponibilidade técnica do aparelho, que permite a aproximação dos corpos, um estar juntos e distantes ao mesmo tempo. Podemos pensar neste processo de aproximação dos corpos distantes como um processo de interação: “As pessoas, portanto, se transformam durante a interação, pois criam, inovam, colaboram, abrem-se, enfim, ao outro. Quem propicia isso é o ‘espaço entre’, a cena, a situação, que gera um processo dinâmico de alteração contínua.” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 128).

Segundo Lyotard (1988), a interação consiste no contato da nossa inteligência artificial com inteligência “ingênua” do homem, que se submerge nelas, surgindo linguagens “naturais”. Nesta proposta, o autor traz a interação como um processo relacional, de modo que a linguagem do homem e as possibilidades tecnológicas se somam, criando uma nova “linguagem”, específica de uma determinada plataforma. Deste modo, o *Facebook* teria uma “linguagem” própria, fruto das diversas interações mediadas pelos aparelhos tecnológicos, que dão acesso a essa rede relacional.

Esta comunicação, para Lyotard, é telegráfica, ou seja, foi possibilitada por uma tecnologia que faz uma mediação de imagens “calculadas”, ou seja, que surgem através de um código binário. A telegrafia é virtual, pois está em potência, em espectro, mas não se concretiza é um acontecimento distinto do “real”. Quando uma pessoa se emociona nesta relação imaterial é porque algo dele estava vinculado ao real. Isso ocorre, segundo Marcondes Filho (2012), quando a relação mediada se dá em plataformas alimentadas com dados reais, como o *Facebook*, promove discussões e pragmáticas que influenciam na vida das pessoas.

Essa plataforma é diferente das outras que tem como proposta uma “realidade virtual”, como o *Second Life*, nas quais são criados “avatares”, em que o criador pode fazer o que quiser com o seu personagem do “outro mundo”, objetivando desejos e vontades irrealizados no mundo real. Este tipo de relação para Marcondes Filho (1998) é psicológica, ou seja, consegue trabalhar com corpo e *psiqué* de forma separada, ela



exclui as especificidades da relação corpórea, o odor, os líquidos, os riscos etc., tudo isso é alheio o processo que acontece apenas por imagens.

O *Facebook* é alimentado por dados do mundo “real”, que se desdobram nele ganhando uma nova dimensão. Diferente de outras plataformas relacionais, os dados postados nele são “carregados” de subjetividade, extremamente particulares, pois a página é um perfil, que supõe ser original e legítimo da pessoa do mundo “real” em uma plataforma imaterial. Sendo assim, dados são supostamente íntimos de cada indivíduo e correlatos com as suas funções, amizades, grupos de convivência, gostos e etc.

É certo que a comunicação humana é composta de vários níveis. Na internet há uma certa exclusividade da linguagem escrita, mas isso não significa que outros níveis não possam se misturar a ela e ser transportados pelas frases denotativas. É possível captarem-se estados de espírito, situações da alma, humores de forma indireta, veiculados de contrabando por frases aparentemente neutras. Nesse caso, a frase vem grávida de todos esses caronas que necessariamente constituem os níveis da comunicabilidade. (MARCONDES FILHO, 2012, p. 309).

Deste modo, esta rede social possibilita níveis de comunicabilidade diferentes, proporcionando um tipo de relação próxima, entre amigos e familiares, mas também distantes, com pessoas que ao menos conhecemos no mundo “real”. Na comunicabilidade mais proximal, em nível pessoal, íntimo, comunal, que antes das mídias eram realizadas apenas nos círculos mais próximos de amigos e com a família, se apresenta hoje de forma virtual. Para Marcondes Filho (1994, p.61), espaço virtual “é a região construída pelas capacidades técnicas de computadorização mais avançada”, ou seja, é onde a “vivência interpessoal e emocional transferiu-se para um espaço abstrato, um espaço em verdade inexistente, mas que mesmo assim estimula as pessoas a caminharem por ele, um espaço chamado virtual” (MARCONDES FILHO, 1994, p.61).

Então, o processo comunicacional ocorre em um ambiente virtual, mas o que pauta as relações no *Facebook* é originado por um “atrator”, algo que ao encontrar outro organismo provoca o surgimento de algo novo, um *phatos* do mundo “real” que impulsiona um ator na rede a fazer uma postagem, a incitar uma nova discussão. A postagem, após ser realizada, irá sofrer a intromissão de “ruídos⁷”, ou seja, comentários, curtidas, ou partilhas, aumentando a complexidade fenomênica da postagem, o que pode

⁷ Os conceitos de “atrator” e “ruído” são tratados nas obras *Cenários de Um novo Mundo* (1998) e *Superciber* (2009) de Ciro Marcondes Filho.



influenciar diretamente o seu autor ou pessoas ligadas a ele, que podem redimensionar e reestruturar o processo “originário” da discussão através do surgimento de cada ruído, por meio de comentários, que fazem as pessoas mudarem de opinião, ficar brava ou feliz com quem comenta sua foto etc.

A postagem no *Facebook* tem um “efeito borboleta”, ela tem desdobramentos múltiplos, que não estão no controle de quem posta, ela é sempre algo surpreendente, genuinamente novo. Sobre o “efeito borboleta”, escreve Marcondes Filho (2009, p.23): “Diz respeito ao imprevisível crescimento exponencial dos sistemas a partir de uma leve oscilação do estado inicial.” Os sistemas, por sua vez, são inesperados, isto é, uma causa não gera um efeito relativo ou comparativo a estrutura causal do “atrator” da mensagem: toda ação gera efeitos imprevisíveis (efeito borboleta). Pensando na rede, é esta imprevisibilidade que angustia o autor de uma postagem; quem a efetua não sabe a dimensão que sua ação pode ter.

As plataformas relacionais do mundo online trazem algo novo, a relação cibernética ou “eletrônica recompõe todo o cenário estimulado a construção de outra infraestrutura comunicacional em condições de gerar comunicabilidades outras, que não as conhecidas.” (MARCONDES FILHO, 2012, p. 106). Em suma, tendo em conta estas proposições, estamos vivendo uma nova fase cultural e relacional, que nos possibilita novas formas de habitar o mundo.

O *Facebook* e os Jovens

As redes sociais têm conquistado uma crescente importância no mundo jovem por proporcionar compartilhamento de informações, conhecimentos e esforços em busca de objetivos em comum. Possibilitam o conhecimento de novas pessoas, reativação de amizades antigas, e até início de relacionamentos. Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE)⁸ revela que 95% dos jovens internautas brasileiros se consideram viciados em tecnologia e afirmam usar o *Facebook*. O *Facebook*, dispõe de mecanismos completamente diferentes das outras redes, tais como o bloqueio de um determinado conteúdo, para que apenas algum círculo de amigos possa ver, e possibilitam a criação de aplicativos para a plataforma. Este processo é inovador, pois proporciona um *feedback* do usuário com a própria rede, deixando de ser um mero usuário para se tornar um produtor de conteúdo.

⁸ <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Jovens-internautas-se-consideram-viciados-em-tecnologia.aspx>



O *Facebook* funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais. Pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Outra inovação significativa do *Facebook* foi o fato de permitir que usuários pudessem criar aplicativos para o sistema. O uso de aplicativos é hoje uma das formas de personalizar um pouco mais os perfis. (BOYDE e ELLISON apud RECUERO, 2009, p. 184).

Com a popularização dos aparelhos celulares com acesso a internet, a conexão constante às redes sociais integra o cotidiano da juventude de tal forma que não há mais tempo determinado para o acesso a essas redes. Os jovens estão conectados a todo o momento. No *Facebook*, um novo espaço de sociabilidade e práticas juvenis, as palavras curtir, comentar e compartilhar estendem seus significados. Um espaço de constantes interações.

Os jovens desenvolvem subjetividades coletivas ao redor de culturas juvenis. Estabelecem suas próprias regras, seus ritos, suas expressões culturais, seus modos de ser e suas simbologias que os diferenciam do mundo adulto, principalmente nos momentos de lazer e tempo livre (Brenner, Dayrell e Carano, 2008). Quando falamos de juventude, tempo livre e lazer, é importante não pensar de maneira generalizada. Contudo, reconhecer que apesar de vivermos sob um determinado contexto, há aqueles que possuem uma realidade totalmente além da qual estamos habituados. Sobre esse ponto, Martins e Souza ponderam:

Muito embora o lazer costume ser pensado a partir da relação com o tempo livre e como direito, é importante ressaltar que, dependendo das relações sociais em foco e das condições materiais de existência, esse pode se constituir em um privilégio para poucos. São os diferentes modos de estar no universo social e possíveis recortes analíticos – como, por exemplo, a raça, classe social e a região de moradia – que apontam os limites de acesso ao lazer. (MARTINS e SOUZA, 2007, p. 2).

Nesse sentido, é preciso conhecer as multiplicidades do cotidiano dos jovens. Seja ele morador dos grandes centros ou habitante de zonas rurais, é precioso conhecer as práticas juvenis voltadas para as redes sociais, levando em consideração o contexto no qual esse jovem está inserido.



Os jovens brasileiros ocupam o tempo livre de forma muito variada e sob condições bastante desiguais. Noções como diversidade e desigualdade devem ser conjugadas como chaves analíticas para se compreender a complexidade sociocultural do *ser jovem* nas diferentes regiões do País. (BRENNER, DAYRELL e CARANO, 2008, p. 34).

Embora o acesso a algumas tecnologias digitais que possibilitam novos conhecimentos, lazer e saber não estão ao alcance de todos no país, a imersão dos jovens nas mídias eletrônicas é um fato que requer o aprofundamento de estudos sobre as práticas sociais que reconstituem ininterruptamente os sentidos das subjetividades e coletividade dos jovens. (Brenner, Dayrell e Carano 2008).

Nesta perspectiva, vale questionar qual é o grau da influência exercida pelo *Facebook* na distribuição do tempo livre do jovem. Uma vez que ele acessa a rede constantemente, se torna relevante discutir a importância do *Facebook* no seu contexto social.

A investigação sobre a dinâmica da ocupação do tempo livre pelos jovens é de significativa importância para se compreender os sentidos do próprio tempo da juventude nas sociedades. A dinâmica sociocultural da vida juvenil expressa, em grande medida, a realidade efetiva das coisas que organizam a vida dos jovens nas culturas vividas no lazer e no tempo livre. (BRENNER, DAYRELL E CARANO 2008, p. 29).

Lazer e Tempo Livre

Para Bramante (1998), o lazer se revela por uma grandeza exclusiva da expressão humana dentro de um tempo garantido, consolidada através de uma experiência particular criativa, de prazer, e que não se reprisa no tempo e espaço, em que o suporte fundamental é a ludicidade. Ela é engrandecida pelo seu potencial socializador e define, predominantemente, por uma grande motivação essencial e cumprida dentro de uma totalidade marcada pela percepção de liberdade. Sua existência está associada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, delimitados por fatores sócio-político-econômico e influenciados por elementos ambientais.

Segundo Dumazedier (1975), tempo livre conceitua-se pelo resultado da dupla liberação do trabalho e das obrigações domésticas do indivíduo. Parte desse tempo livre é destinado ao lazer, espaço em que as atividades são voluntárias, e o indivíduo está isento do trabalho, do conjunto de obrigações familiares, sócio-políticas, e de atividades sócio-religiosas. Dando continuidade a esses conceitos, Brenner, Dayrell e Carano defendem:



É preciso considerar o lazer como tempo sociológico, no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e se constitui, na fase da juventude, como campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Assim considerado, o lazer pode ser espaço de aprendizagem das relações sociais em contexto de liberdade de experimentação. Naquilo que se refere ao lazer juvenil como experiência cultural coletiva, deve-se reportar a centralidade do grupo de pares no processo de formação humana. [...] Em suma, as diferentes práticas de cultura e lazer em espaços sociais públicos podem ser consideradas como verdadeiros laboratórios, onde se processam experiências e se produzem subjetividades. (BRENNER, DAYRELL E CARANO 2008 p.30).

Afinal, o que é o Jovem?

Segundo Norbert Elias (1994), o jovem é o que está no estágio de transição da fase de criança para a fase adulta, tendo consigo especificidades de ambos os lados, hora tomando atitudes dignas de adulto outra de criança, porém em ambos os casos com um modo de ser jovem, que difere de uma ação propriamente de um adulto ou de uma criança. Os jovens conseguem compactuar com algumas regras sociais, porém as questionam e muitas vezes colocam suas pulsões à frente das regras sociais. Por isso, o processo relacional da juventude é demasiadamente complexo, pois carrega peculiaridades de ambos os lados e características próprias, criando um modo de ver, ser e agir jovem na sociedade.

Pessoas biologicamente maduras continuam socialmente imatura. Trata-se de rapazes e moças, adolescentes, jovens inexperientes ou seja lá que nome recebam – não mais crianças, mas ainda não homens e mulheres. Eles levam uma vida social distinta, tendo uma “cultura jovem” – um mundo próprio, que diverge marcadamente do dos adultos. E, embora o prolongamento e o caráter indireto de sua preparação, causados pela constante expansão do conhecimento, possam facilitar sua assimilação na vida social adulta, frequentemente a tornam mais difícil em termos emocionais. (ELIAS, 1994, p. 104 e 105).

Quanto maior o grau de especialização, mais estreita e dificultosa é a transposição apetitiva do indivíduo. No mundo jovem, as fronteiras e caminhos são amplos, o que nos mostra que quanto mais especializado ou “individualizado” for o homem mais ele se distancia da sua natureza (ELIAS, 1994, p. 32 e 33). Já a sociedade, quanto mais desenvolvida tecnologicamente mais complexa ela se torna, maior é o grau



de especialização⁹ e o número de conflitos naturais e sociais e entre camadas distintas da sociedade. Sendo assim, o que caracteriza em nível de complexidade da sociedade que o indivíduo vive ou age é a “margem” (possibilidades) e a amplitude de sua ação.

Com isso, podemos dizer que a sociedade em rede do século XXI possui uma “margem” de ação muito maior do que uma sociedade analógica do início do século XX. Na sociedade contemporânea, o jovem se torna ainda mais complexo, pois suas “margens” de escolha se tornam ainda maiores e estas são coagidos a se especializarem, pois quanto mais complexa for a sociedade maior é a exigência de especialização e a interdependência entre os seus membros. Deste modo, o tempo de transição da infância para a fase adulta se torna ainda maior devido a grau de complexidade reticular¹⁰ (ELIAS, 1994).

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos discutir as implicações do avanço tecnológico em relação à comunicação. Atentando sobre as novas plataformas de comunicação, destacando o *Facebook* como a plataforma relacional mais utilizada pela juventude na manutenção de suas relações e laços sociais. Bem como promovemos discussões a respeito do que é ser jovem, e as atribuições da tecnologia e das redes sociais na ocupação do lazer e do tempo livre juvenil.

Todavia, outros estudos são necessários para que se possa verificar, com maior profundidade, como os processos de ocupação do lazer e do tempo livre do jovem são influenciados pelo uso do *Facebook* e os demais efeitos que podem gerar no cotidiano desses jovens. Assim, formulamos mais questionamentos: qual é o grau da influência exercida pelo Facebook na distribuição do tempo livre desses jovens? Que tipo de conteúdo é acessado? Qual é a frequência no acesso? Quantas horas diárias são destinadas a utilização dessa rede social? Que tipo de conteúdo é compartilhado? Quem são e de onde são as pessoas com quem esses jovens se relacionam? Em que período do dia costumam ficar mais conectados? Qual a finalidade do acesso? Qual é a importância dessa rede na convivência com os amigos? Possui atividades com os amigos fora do

⁹ A especialização é o processo que começa da fase de criança e vai até a fase adulta; a formação de uma pessoa, que vai adquirindo ao longo do tempo capacidades, funções e especificidades próprias.

¹⁰ Para Elias (1994), vivemos em uma sociedade reticular, ou seja, que funciona em forma de rede. Ele estabelece esta proposição nos mostrando que nas simples ações como, comprar algo, ter um emprego, pagar um funcionário, envolve um vínculo gigantesco de indivíduos que se interdependem para algo funcionar. Um mercado só iria funcionar se houver produtores de alimentos, mercado, funcionários do mercado e trabalhadores com um salário para comprar estas mercadorias. Com este exemplo, a assertiva do autor se torna mais clara. E quanto mais indivíduos e funções nesta teia mais complexa é a sociedade.



Facebook? Se considera um viciado nessa rede social? Considera o acesso ao Facebook como uma atividade de lazer? Esses questionamentos são indícios de que há muito a ser estudado a respeito das multiplicidades da relação do jovem contemporâneo mediada pelas redes sociais e suas implicações para vida dos jovens.

REFERÊNCIAS

- BRAMANTE, Antonio Carlos et al. **Lazer: concepções e significados**. LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 1, n. 1, 1998.
- BRENNER, A. K.; DAYRELL, J. CARRANO. **Juventude brasileira: cultura do lazer e do tempo livre. BRASIL**. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Um olhar sobre o jovem no Brasil. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Questionamento teórico do lazer**. Porto Alegre: CELAR,[sd], 1975.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organização: Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 1994.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **Lo Inhumano**. Traducción: Horacio Pons. Manantial, Buenos Aires, Argentina, 1998.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Paulus, São Paulo, Brasil, 2004.
- _____. **Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas**. Paulus, São Paulo, Brasil, 2009.
- _____. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, Brasil, 2012.
- _____. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, Coleção Ponto de Apoio, 1994.
- _____. **Cenários do novo mundo**. São Paulo, Edições NTC, 1994.
- _____. Impasses da comunicação eletrônica: a questão do diálogo na rede e do outro. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 303-314.
- MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SOUZA Patricia Lânes de Araujo. **Cultura, Lazer e Tempo Livre de Jovens Brasileiros(os) na Perspectiva de Gênero e Escolaridade**. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007.
- MOREIRA, Benedito. **Jovens e as Tecnologias: Entre a poética e o controle técnico**. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília, Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília -UCB, 2015 (No Prelo).
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2009.
- _____. **Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook**. Verso e Reverso, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.
- THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Vozes, Petrópolis, Brasil, 2005.